

**A FALA DA ZONA URBANA DE RIO BRANCO (AC)  
FATORES EXTRALINGUÍSTICOS  
NO PROCESSO DE DESPALATALIZAÇÃO DE /ɺ/**

*Lindinalva Messias do Nascimento Chaves*

[lindinalvamessias@yahoo.com.br](mailto:lindinalvamessias@yahoo.com.br)

*Francisca Eleni Silva de Melo*

[eleni-melo@uol.com.br](mailto:eleni-melo@uol.com.br)

**RESUMO**

Este trabalho é a continuação de pesquisa em que buscamos observar a questão da despalatalização do fonema /ɺ/, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista Laboviana, nos falares da zona urbana de Rio Branco (Ac). Na primeira etapa, tentamos demonstrar quais fatores linguísticos exercem influência sobre esse processo fonético e, nesta segunda etapa, fazemos uma abordagem dos fatores sociais intervenientes.

**1. Introdução**

Buscamos neste trabalho verificar como se configura a alternância de uso das variações do fonema /ɺ/ na fala riobranquense. Em trabalho anterior, apresentamos os fatores linguísticos que exercem influência nesse processo fonético e, nesta etapa, focalizamos os elementos extralinguísticos (sociais).

Em relação aos fatores extralinguísticos, pressupomos, a exemplo de outros estudos, que a variante /ɺ/ estaria diretamente relacionada ao grau de escolaridade mais alto, havendo maior número de iotização ou de apagamento no grau de escolaridade mais baixo, bem como no segmento mais idoso do universo observado.

**2. Fundamentos teórico-metodológicos**

**2.1. Despalatalização**

Cagliari (1974, p. 161) refere-se à despalatalização como uma etapa da evolução do som palatal, e afirma que o fenômeno se dá por meio do enfraquecimento do contato línguo-palatal. Bergo (1986, p. 70) define o termo como um “fenômeno fonético de caráter indivi-

dual ou regional que consiste em trocar-se um fonema palatal por um alveolar ou linguodental em consequência de não se apoiar devidamente a língua na abóbada palatina ao proferir aquele som”.

Na verdade, o fenômeno linguístico em questão tem maior alcance, implicando também o que é denominado na literatura específica de “iotização”, e, ainda, a ocorrência do zero fonético [ø], ou seja, o apagamento completo da consoante. No primeiro caso, tem-se a produção [y] em palavras como pilha [piya] e trabalho [trabayó]. No segundo caso, o do zero fonético, há realizações como a verificada para a palavra milho [mio], muito comuns nas populações não escolarizadas e, com mais frequência, não urbanas. Câmara Júnior (2000, p. 149) descreve a iotização (fenômeno decorrente da despalatalização) como a mudança “de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta /i/ ou para a semivogal correspondente ou iode”. Para o autor, a despalatalização e consequente iotização pode ter recebido influência do português crioulo, uma vez que “nos falares crioulos portugueses há a iotização das consoantes molhadas /λ / e / /; ex.: mulher > /muyé/, *Nhonhô* > *Ioio*”.

Aragão (1992, p. 4) acrescenta que fenômenos linguísticos como a despalatalização são mudanças que ocorrem em obediência à “necessidade de rapidez e facilidade de articulação aliada ao relaxamento na articulação, ao descompromisso com o falar ‘correto’ e à falta de conhecimentos básicos da língua”. De outra parte, Jota (1976, p. 179) já havia afirmado que a despalatalização precede a palatalização, conforme ocorreu com o vocábulo *milia* (lat.) > *milya* > *mila*.

Alguns autores apresentam hipóteses para a origem desse processo fonético. Em seus estudos históricos, Nascentes (1953, p. 49), por exemplo, comenta as razões de ordem etnográfica que resultaram na dificuldade da pronúncia do /λ/ pela classe inculta, e afirma que a “dita classe era composta em sua maioria de índios e africanos que não possuíam este fonema em suas línguas; tiveram de aprendê-lo, aprenderam estropiadamente e deste modo o transmitiram aos seus descendentes”.

Para Chaves de Melo (1981, p. 81), essa transformação pode ter decorrido por meio de uma influência românica ou africana. Mas, apesar de apontar as duas hipóteses, o autor dá preferência à segunda:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Sem embargo, porém de ser evolução românica a lh/y, sou inclinado a explicá-la, aqui no Brasil, por influência africana, uma vez que o fato ocorre de regra nas zonas mais africanizadas, sendo quase geral num ponto intensamente trabalhado dos negros, São João da Chapada, em Minas, segundo nos informa Aires da Mata Machado.

No entanto, sobre a hipótese da origem africana para a despalatalização, contrapõem-se as considerações de Boléo (1943, p. 47), segundo o qual, no distrito de Ponta Delgado, na povoação de Arrifes, se usava esta pronúncia: “orvaio, carrie (carrilho, nome do carolo = interior da maçaroca, depois de tirados os grãos), ovêias, coêio, cestias (cestilhas, instrumentos para caçar pássaros), abêia, borraio, joeieira, ajoiear (ajoelhar)”.

Aguilera (1999, p. 158) trata desse processo, apresentando o parecer de pesquisadores como Nascentes (1953), Penha (1972), Câmara Júnior (1979 e 1981), Elia (1979), Jota (1981) e Melo (1981). A autora constata não haver consenso quanto à nomeação do processo, pois enquanto alguns autores o consideram uma despalatalização, outros o conceituam como uma iotização. Para ela, o que ocorre é uma iotização ou uma semivocalização (e não uma vocalização, pois o yode é uma semivogal), descartando a possibilidade de uma despalatalização, pois o yode é palatal também. No decorrer de seu estudo, Aguilera afirma que esse processo é “um traço predominante na fala rural ou inculta que se expande por todas as regiões brasileiras como se pode documentar pelos Atlas já publicados”.

Conforme apontou Aguilera, a despalatalização presente nos falares rural e nos das camadas mais populares apresenta algumas marcas do passado, pois traz, em suas formas diversas, alguns traços da língua portuguesa em sua formação, os quais revelam resquícios de outras línguas, como as línguas indígenas e africanas, principalmente.

Para finalizar, uma explicação de cunho fonético tem sido, em paralelo com as explicações e teorias apresentadas acima, utilizada para explicar as causas do processo. Efetivamente, trata-se de um “afrouxamento” de articulação, o que na fonética é classicamente denominado “lei do menor esforço”, ou seja, uma articulação é substituída por outra que exige menos dos órgãos fonadores envolvidos. Simões (2006, p. 72) define a lei do menor esforço como “o favorecimento da simplificação da articulação” e Messias (1999, p. 72,

2007, p. 9) aborda o assunto como “estratégias para facilitar a tarefa da articulação”.

## **2.2. Procedimentos metodológicos**

As informações gravadas e enviadas para o computador foram analisadas por meio do pacote de programas VARBRUL (versão 2000), um *software* que permite a análise probabilística, realizando com rapidez e precisão o cruzamento de dados, além de facilitar a geração de gráficos a partir dos dados catalogados.

As entrevistas foram realizadas, inicialmente, em quatro localidades de Rio Branco: Vila Custódio Freire, Nova Estação, Cidade Nova e Santa Inês, selecionadas por sorteio. A seleção dos lugares obedeceu ao seguinte critério: dois bairros no Primeiro Distrito e dois no Segundo, tendo-se em vista que a cidade é cortada pelo Rio Acre, que se torna o divisor natural entre os dois distritos. Em virtude de dificuldades para encontrar determinados perfis em alguns desses bairros, efetuou-se um segundo sorteio que contemplou a Cadeia Velha e o Abraão Alab, ambos no primeiro distrito.

Para a obtenção dos dados para análise, aplicamos um Questionário Fonético-Lexical (QFL) baseado no que foi elaborado por Soares (2002, p. 78-80), com algumas mudanças para adaptação à nova pesquisa e ao contexto acreano. Por outro lado, não descartamos a narrativa, considerada “a mina de ouro” para os sociolinguistas, pois esta prioriza a narração e experiência pessoal do entrevistado, que deixa de se preocupar em *como* dizer e passa a pensar no *que* dizer, favorecendo a gravação da fala natural do entrevistado (TARALLO, 1999, p. 23). Todavia, como as ocorrências de palavras com os fonemas em estudo eram poucas, o QFL foi o principal instrumento para a criação do *corpus* e, neste trabalho, não será apresentada a comparação das ocorrências nas respostas ao QFL com as ocorrências nas narrativas.

Para a composição da amostra, levamos em conta elementos linguísticos e extralinguísticos, os primeiros compreendendo o contexto fonético precedente, o contexto fonético subsequente, a tonicidade da sílaba, e, ainda, a classe das palavras; e os segundos, os que interessam neste trabalho, abrangendo o gênero, a faixa etária e a escolaridade dos informantes.

No total, foram entrevistadas 72 pessoas cujas produções de /*ɺ*/ serviram de *corpus* para a análise. São 36 homens e 36 mulheres, e 24 informantes (homens e mulheres) por faixa etária (A -1 8-35

anos; B - 36-53 anos; C - a partir de 54 anos). Além da idade, foram levados em consideração os níveis de escolaridade, a saber: 1) baixa ou nenhuma escolarização - até a 4<sup>a</sup> série do ensino fundamental; 2) ensino fundamental e médio - da 5<sup>a</sup> série ao ensino médio; 3) nível superior - qualquer graduação, concluída ou em andamento.

Para calcular o número total das palavras pertencentes ao *corpus*, multiplicamos o número de perguntas do QFL, 33, pelo número de informantes, 72, o que resultaria em 2.376 produções contendo /λ/. No entanto, houve casos de algumas perguntas não serem respondidas com a palavra que se esperava, o que reduziu o *corpus* a 2.224 produções. Um exemplo de resposta diferente da esperada foi a palavra “meia” para a pergunta n. 5 – Tipo de tecido de algodão, mole e delicado? – no lugar de “malha”.

Com relação à transcrição fonética, utilizou-se a fonte IPAkiel e o Alfabeto Fonético Internacional.

Finalizando, é importante ressaltar que, além dos fatores gênero, idade e escolaridade, os informantes selecionados são acreanos, ou chegaram ao Acre, especificamente a Rio Branco, até os cinco anos de idade, uma vez que, segundo Tarallo (1999, p. 28-30), esta é a idade máxima para um indivíduo se integrar na comunidade falante e desta compartilhar os traços linguísticos.

### 3. *Discussão*

Três fatores sociais foram analisados, a faixa etária, a escolaridade e o sexo dos informantes. No que se refere à *faixa etária*, os informantes mais jovens aparecem como os mais conservadores de [λ] e de [ly] com pesos relativos .589 e .422. Na segunda faixa, os maiores pesos relativos estão concentrados nas variantes [ly] (.556) e [y] (.713), mas não se pode ignorar que, neste último caso, a frequência é baixa (15). Surpreendentemente, a faixa C mostra um índice bastante razoável de manutenção da variante [λ] (.485). Ainda que o maior índice desta faixa tenha ocorrido em [ly], (.524), a frequência de [λ] é muito mais expressiva do que a de [ly]. Esses dados não correspondem às expectativas iniciais deste trabalho visto esperar-se que, na faixa C, o maior peso relativo, bem como o maior número de frequência estivesse na realização iotizada ou no apagamen-

to, tal qual nos estudos de Madureira (1987), Silva e Moreira (1997) e Soares (2002).

Por outro lado, a preferência dos mais jovens por [λ] e [ly] vão no mesmo sentido dos resultados obtidos nos estudos acima mencionados.

Em resumo, a importância do grupo social faixa etária nas realizações pode ser atestada da seguinte forma:

- [λ], *significance* 0.001, *input* 0.868;

- [ly], *significance* 0.010, *input* 0.120;

- [y], *significance* 0.008, *input* 0.010.

A relevância deste fator social manifestou-se positiva para as três variantes: em ordem decrescente de importância, observa-se que [λ] é o mais significativo, seguido de [y], e, por último, [ly]. Mesmo considerando a baixa frequência de [y], desta feita foi mais relevante para a aplicação da regra do [ly].

No que se refere ao *grau de escolaridade*, fator social que tem sido considerado o que mais influencia na ocorrência das variantes, os dados se referem a três faixas: o nível 1 corresponde à escolarização até a 4ª série do nível fundamental de ensino; o nível 2, da 5ª série até o ensino médio, e o nível 3 concerne à escolarização superior completa ou incompleta.

O pressuposto de que o nível de escolaridade é significativo para as variantes foi confirmado nos cálculos encontrados, em que o nível 1 apresenta o menor índice (.431) para a variante [λ], considerada variante da norma culta. Nessa faixa de escolaridade, o índice é aumentado para a forma [ly] (.551) e culmina no maior índice (.743) da tabela para a variante [y], iotização ou apagamento. Esses resultados, bastante previsíveis, se assemelham aos obtidos por Soares (2002, p. 48-49), já citada.

O grau de escolaridade referente ao nível 2 favorece a produção da variante culta (índice .511) e sobretudo a iotização (índice .615), o que também foi observado por Soares em seus dados. O alto índice da iotização ou apagamento nesse nível não corresponde às hipóteses iniciais postuladas neste trabalho; esperavam-se menos

produções iotizadas e mais produções com [λ].

O terceiro e último nível apresenta, como era de se esperar, um baixo peso (.171) para a terceira variante (iotização ou apagamento) e um peso relativamente alto (.559) para a primeira [λ]. De certa forma, esses resultados também não correspondem aos pressupostos do início da pesquisa em que se previa um índice bem mais alto para [λ].

Por fim, cabe um comentário acerca da expressiva concentração de peso em torno da variante [ly] (.551, .485, .463) nos três níveis, respectivamente, o que contraria frontalmente as hipóteses do trabalho que previam realizações polarizadas na primeira e na segunda variante.

De todo modo, foi confirmado que pessoas mais escolarizadas produzem com mais frequência [λ] e [ly] ao passo que as menos escolarizadas preferem a iotização ou apagamento.

Do ponto de vista da influência da escolaridade para a regra variável, foram gerados os seguintes resultados:

- [λ], *significance* 0.009, *input* 0.867;
- [ly], *significance* 0.112, *input* 0.121;
- [y], *significance* 0.002, *input* 0.008.

As variantes [y] e [λ] alcançaram maior significância, enquanto [ly], embora tenha uma frequência razoável, mostrou-se menos relevante (0.112). Contudo, acredita-se que este fator social seja um dos mais representativos, o que pode se confirmar ou não nas rodadas que o programa fizer com todos os fatores em conjunto. Note-se que a variante [y] foi a que apresentou maior relevância (0.002), porém, a frequência da variante iotizada para o nível 3 de escolaridade foi de apenas de uma realização, o que reforça a importância das rodadas realizadas com todos os grupos simultaneamente, feitas tanto por meio do *step up* quanto do *step down*.

Quanto ao fator **gênero**, estudos anteriores têm registrado que as mulheres realizam mais a variante [[λ]] do que os homens por ser esta a variante de prestígio. Neste estudo, de acordo com os resultados estatísticos obtidos, os homens apresentam maior tendência para

manter a variante palatalizada  $[[\lambda]$ , com peso relativo de .553, e as mulheres têm maior inclinação para a variante despalatalizada  $[ly]$ , apresentando o peso relativo .555, enquanto os homens possuem menor propensão para a realização desta variante (.442).

A situação se inverte para a variante iotizada  $[y]$ , com pesos relativos de .695 para homens e .312 para mulheres, o que, em termos probabilísticos, indicam que os homens apresentam um alto índice de favorecimento de  $[y]$ .

O VARBRUL gerou, para este grupo de fatores, os seguintes graus de significância:

- $[\lambda]$ , *significance* 0.064, *input* 0.866;
- $[ly]$ , *significance* 0.004, *input* 0.120;
- $[y]$ , *significance* 0.001, *input* 0.010.

Analisados um a um, as variantes  $[y]$  e  $[ly]$  revelaram-se significativas, porém, não se pode desprezar o reduzido número de dados para as mulheres em relação à variante iotizada, somente quatro realizações.

Os resultados de Soares (2002, p. 50) apontam para uma inversão aos desta pesquisa, uma vez que, em seu estudo, são as mulheres que tendem a preservar a variante lateral palatal (.362), em detrimento dos homens (.306). Por outro lado, as variantes  $[ly]$  e  $[y]$  não são favorecidas entre as mulheres (.317; 320), e são favorecidas entre os homens (.349; 346).

Os três aspectos sociais considerados permitiram a realização de três cruzamentos, a saber: i. faixa etária e escolaridade; ii. faixa etária e sexo; iii. sexo e escolaridade.

Em termos percentuais, verificou-se que a manutenção da lateral palatal  $[\lambda]$  ocorre entre os informantes mais jovens (faixa A, 18-35 anos), com o nível 2 de escolaridade (5ª série do ensino fundamental ao ensino médio). Entretanto, na rodada de interação entre os dois grupos, os dados estatísticos gerados pelo VARBRUL apontam a maior incidência de  $[\lambda]$  para a faixa A, com peso relativo de .594, e para a escolaridade nível 3 (ensino superior completo ou em curso), com peso de .564. Percebe-se, ainda, que a significância gerada pelo

programa foi de 0.000, resultado bastante positivo para a relevância destes aspectos sociais para a regra variável.

A variante [ly] prevalece, de acordo com o percentual, na fala de dois grupos de informantes: os da faixa C (a partir de 54 anos) com escolaridade nível 1 (não alfabetizados – 4ª série); e os da faixa B (36-53 anos) e escolaridade nível 2, ambos apresentando 21%. Os dados estatísticos apontam, todavia, o favorecimento de [ly] para o primeiro grupo (faixa C, peso relativo .551, nível 1, peso relativo .561).

Para [y] verificaram-se os seguintes números: FA e N1, 1% (3 ocorrências); FA e N2, 0% (nenhuma ocorrência); FA e N3, 0% (nenhuma ocorrência); FB e N1, 4% (10 ocorrências); FB e N2, 2% (4 ocorrências); FB e N3, 0% (nenhuma ocorrência), FC e N1, 0% (nenhuma ocorrência), FC e N2, 1% (4 ocorrências); FC e N3, 0% (nenhuma ocorrência). Pode-se concluir, por meio da análise dos percentuais, que esta variante ocorre com maior força entre os informantes da faixa B com nível 1 de escolaridade (4%). O mesmo resultado é observado nos dados probabilísticos: nível 1, peso relativo de .755, faixa etária B, peso relativo de .710, sendo o grau de relevância bastante considerável (*significance* 0.001).

O cruzamento dos aspectos faixa etária e sexo mostra a tendência à produção de [λ] entre os informantes do sexo masculino, da faixa A (91%). Na rodada de interação, esse resultado se confirma, sendo o peso relativo .592 para informantes da faixa A, e .524 para homens. A significância alcançada foi de 0.098, valor muito acima do limite de tolerância da confiabilidade, o que não dá segurança para se afirmar se a regra é aplicável ou não.

Em relação a [ly], os percentuais apontam para os informantes do sexo feminino, faixa B, com 22%. Os dados probabilísticos também indicam que a variante prevalece em mulheres (.538), porém, entre as mais velhas (.549). O grau de relevância da regra variável é positivo quanto à confiabilidade (0.010).

No que tange à variante [y], a baixa ocorrência foi registrada com os seguintes percentuais: sexo feminino e FA, 1% (2 ocorrências); sexo feminino, FB, 0% (1 ocorrência); sexo feminino, FC, 0% (1 ocorrência); sexo masculino, FA, 0% (1 ocorrência); sexo mascu-

lino, FC, 4% (14 ocorrências); sexo masculino, 1% (4 ocorrências). Por meio desses dados, conclui-se que esta variante ocorre com mais veemência em informantes homens, com idade entre 36 e 53 anos (FB). As informações estatísticas apontam para o mesmo resultado, apresentando os pesos relativos de .694, para os homens, e .711, para a faixa etária B. A *significance* ficou em 0.008, portanto, considera-se confiável a aplicabilidade da regra.

Ao se cruzar os grupos sociais sexo e escolaridade, os dados mostram que homens e mulheres do nível 3 de escolaridade utilizam a variante [λ] com a mesma intensidade, 87%. Estatisticamente, tem-se o peso relativo de .523 para os informantes do sexo masculino, e a escolaridade nível 3 apresenta peso de .562, ou seja, são os homens de maior escolaridade que favorecem a variante [λ]. De acordo com a significância gerada pelo programa (0.000), pode-se afirmar que a regra variável se aplica para esta variante.

Os falantes femininos com baixa escolaridade tendem ao maior uso de [ly], concentrando 23%. O peso relativo gerado pelo VARBRUL para informantes do sexo feminino foi .573; para a escolaridade 1, o peso relativo foi .556; assim, os resultados estatísticos corroboram com os resultados percentuais. A significância foi muito positiva para a generalização da regra (0.000).

Os índices para [y] foram: mulheres, N1, 1% (3 realizações); mulheres, N2, 0% (1 realização); mulheres, N3, 0% (nenhuma ocorrência); homens, N1, 3% (11 realizações); homens, N2, 2% (7 realizações); homens, N3, 0% (1 realização); assim, as informações percentuais apontam para o favorecimento de [y] em falantes do sexo masculino de baixa escolaridade (3%). De forma semelhante, a probabilidade apresentou os pesos relativos: .609, para falantes homens; .761, para escolaridade nível 1. Em termos de significância, a regra mostrou-se relevante (0.001).

#### 4. Conclusão

Os grupos de aspectos sociais, a exemplo dos grupos de aspectos linguísticos, analisados em etapa anterior conforme já mencionado, exerceram influência significativa para o fenômeno da despalatalização. A escolha de uma variante em detrimento de outra ocorreu de acordo com a estratificação social dos informantes, tendo-se em vista que as variantes gozam de *status* social diferenciado.

O fator *idade* exerceu uma considerável influência sobre as ocorrências: entre os mais jovens (18 a 35 anos), predominou a variante lateral palatal; entre os informantes da faixa intermediária (36 a 53 anos), há a tendência ao uso de [ly] e [y]; entre os falantes da terceira faixa etária (acima de 54 anos) predominou o uso de [ly]. Este fator social foi considerado importante quanto à aplicação da regra para as três variantes.

#### REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Um estudo geolinguístico da iotização no português brasileiro. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: 1999.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A despalatalização e iotização no Atlas Linguístico da Paraíba. In: *4º Encontro Nacional de Fonética e Fonologia*, 1992, Niterói - RJ. *4º Encontro Nacional de Fonética e Fonologia - Resumos*, 1992.

BERGO, Vitorio. *Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

CAGLIARI, Luís Carlos. *A palatalização em português: Uma investigação palatográfica*. Dissertação de Mestrado. Unicamp: Campinas, São Paulo, 1974.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHAVES DE MELO, Gladstone. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. *Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no Português*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.

MESSIAS, Lindinalva. *Les consonnes orales du portugais du Brésil*. Analyse segmentale et perceptive de la sonorité et de l'assimilation. Tese (doutorado). Strasbourg, França: Universidade Marc Bloch, 1999.

\_\_\_\_\_. *Les consonnes orales du portugais du Brésil*. Analyse segmentale et perceptive de la sonorité et de l'assimilation. Tese (doutorado). Strasbourg, França: Universidade Marc Bloch, 1999.

\_\_\_\_\_. Assimilação consonântica de ensurdecimento: teste de 3 fatores condicionantes na fala de 8 informantes do Acre. In: *Revista Letra Magna*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura – ano 4, n. 06, 1º semestre de 2007.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

SILVA, Flávia R. Santoro; MOREIRA, Valéria Regina de O. O comportamento das Palatais Lateral e Nasal na Fala de Comunidades Pesqueiras Fluminenses. *Jornada de Iniciação Científica da UFRJ*, XIX. Rio de Janeiro: Fac. de Letras, UFRJ, 1997.

SIMÕES, Darcilia. *Considerações sobre a fala e a escrita*. São Paulo: Parábola, 2006.

SOARES, Eliane Pereira Machado. *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA*. Dissertação de mestrado. Belém: 2002.